



RAÍZES ANCESTRAIS: IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

SOUZA, Ana Beatriz Farias - FASESP¹
MORENO, Isabela Vida - UNICAMP²

¹ Graduanda em Licenciatura em Linguagem pela Faculdade Sesi de Educação e ana.suza176@faculdadesesi.edu.br.

² Mestra em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas-SP e isabela.moreno@sesisp.org.br

RESUMO

O projeto Raízes Ancestrais: Identidade, Memória e Resistência constitui uma proposta pedagógica transdisciplinar e coletiva, fundamentada na Lei nº 10.639/2003 e orientada pelos princípios da educação antirracista. Desenvolvido de forma integrada por diversas áreas do conhecimento, tem como objetivo promover uma formação crítica e emancipatória, valorizando os saberes afro-brasileiros, as matrizes culturais africanas e as contribuições históricas da população negra para a construção da sociedade brasileira. O referencial teórico articula as reflexões de Hooks (2017), Bento (2022), Ribeiro (2019), Pinheiro (2023) e Adichie (2019), cujas perspectivas sustentam a superação de currículos eurocentrados e a promoção de práticas educativas libertadoras. A metodologia baseia-se em experiências estéticas e colaborativas que unem arte, tecnologia e ancestralidade como caminhos de (re)existência. Entre as ações desenvolvidas, destacam-se a produção de máscaras africanas, bordados inspirados em Rosana Paulino, *slam* de poesia com temáticas afrocentradas, composições musicais autorais nos estilos *rap* e *hip-hop*, o *Draw My Life* em homenagem a Leci Brandão e a oficina de Adinkra. Todas essas práticas convergem na Mostra Étnico-Racial: Saberes Ancestrais, Horizontes Inovadores, produto final do projeto, em que as criações estudantis são apresentadas à comunidade escolar como exercício de memória, representatividade e diálogo intercultural. A análise dos resultados evidencia o fortalecimento do protagonismo discente, o desenvolvimento de vínculos identitários e a consolidação de uma prática pedagógica que transforma a escola em espaço de resistência, memória e pertencimento. O projeto reafirma o compromisso com uma educação antirracista contínua, que transcende as comemorações da Semana da Consciência Negra e integra as vozes da ancestralidade afro-brasileira ao cotidiano escolar.

Palavras-chave: educação antirracista; ancestralidade afro-brasileira; transdisciplinaridade.

1. INTRODUÇÃO

A escola contemporânea enfrenta o desafio de construir práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial, o reconhecimento das diferenças e a valorização das identidades plurais que formam a sociedade brasileira. Nesse contexto, o projeto Raízes Ancestrais: Identidade, Memória e Resistência surge como uma proposta transdisciplinar que integra arte, história, literatura, ciência e tecnologia, com o propósito de desenvolver uma educação antirracista contínua, que ultrapassa ações pontuais e se consolida como eixo estruturante do currículo escolar. Fundamentado na Lei nº 10.639/2003, o projeto busca incorporar as histórias e culturas africanas e afro-brasileiras como dimensões constitutivas do processo educativo, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes e socialmente engajados.

A justificativa do trabalho parte da constatação de que, historicamente, o currículo escolar brasileiro privilegiou narrativas eurocentradas, silenciando as contribuições africanas e afro-brasileiras na construção do país. Essa ausência repercute na invisibilidade das populações negras e na reprodução de estereótipos que sustentam o racismo estrutural. Assim, faz-se necessário um movimento pedagógico que reconheça a diáspora africana como força formadora da identidade nacional e que ressignifique o espaço escolar como território de memória, resistência e criação.

O objetivo geral do projeto é promover uma prática educativa que valorize a ancestralidade afro-brasileira e fortaleça o protagonismo discente por meio de experiências artísticas e reflexivas. Como objetivos específicos, propõe-se: (a) estimular o pensamento crítico sobre as relações étnico-raciais; (b) fomentar práticas colaborativas e autorais que articulem arte, identidade e pertencimento; (c) ampliar o repertório cultural dos estudantes a partir de produções estéticas afrocentradas; e (d) consolidar uma cultura escolar que reconheça a pluralidade e combata todas as formas de discriminação racial.

A partir dessas práticas artísticas e reflexivas, o projeto estabelece parceria com as disciplinas de História e Sociologia, formando o eixo central de análise crítica sobre colonização, resistência, apagamento cultural, estruturas de poder e desigualdades raciais. O objetivo é que os estudantes compreendam que nenhum fenômeno social ou cultural ocorre de forma isolada, sendo sempre influenciado por múltiplos contextos históricos, sociais e culturais. Essa abordagem transdisciplinar permite relacionar o conhecimento histórico e sociológico às práticas artísticas, mostrando como diferentes perspectivas se complementam e contribuem para uma compreensão mais ampla e integrada da realidade.

Ademais, o projeto contempla a integração de outras áreas do conhecimento, ampliando as perspectivas sobre identidade, memória e diversidade cultural. A Língua Portuguesa, por exemplo, contribui com a leitura de literatura e poesia afro-brasileira, oferecendo instrumentos de resistência e expressão; a Geografia possibilita a análise dos espaços sociais e culturais, relacionando território, pertencimento e memória; e disciplinas como Filosofia e Ciências Humanas podem incluir reflexões sobre direitos humanos, justiça social e diversidade cultural. Assim, o projeto promove diálogos entre diferentes saberes, consolidando uma educação plural, crítica e ética.

Em resumo, o artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. A segunda parte apresenta o referencial teórico-metodológico, dialogando com autoras e autores que fundamentam a educação antirracista e a prática pedagógica libertadora. Na terceira, são descritas as experiências desenvolvidas e seus processos formativos, seguidas pela análise dos resultados e das aprendizagens produzidas. Por fim, nas considerações finais, discutem-se as contribuições do projeto para o fortalecimento de uma educação comprometida com a justiça social, a diversidade e a representatividade no cotidiano escolar.

2. DESENVOLVIMENTO E/ OU REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O projeto Raízes Ancestrais nasce do reconhecimento de que a escola é um espaço de disputa simbólica, no qual se produzem e se legitimam narrativas sobre identidade, cultura e poder. Ao propor uma prática pedagógica voltada à valorização da cultura afro-brasileira, a iniciativa busca romper com o silenciamento histórico que atinge as vozes negras e desafiar a lógica excludente que estrutura o currículo escolar brasileiro. A proposta parte da compreensão de que a educação, longe de ser neutra, é um ato político que pode tanto reproduzir desigualdades quanto promover emancipação e consciência crítica.

Diante do exposto, Freire (1967) define a educação como prática da liberdade, afirmando que o ato de ensinar deve possibilitar que homens e mulheres se percebam como sujeitos de sua própria história. Nessa perspectiva, o processo educativo deve transcender a transmissão de conteúdos e se constituir como espaço de diálogo, reflexão e transformação social. Tal compreensão inspira a metodologia do Raízes Ancestrais, que propõe experiências formativas baseadas na escuta e na problematização, nas quais professores e estudantes compartilham responsabilidades na construção do conhecimento. Educar, portanto, implica criar condições para que os sujeitos leiam criticamente o mundo e reconheçam as estruturas de opressão que o atravessam.

Essa compreensão dialoga com a proposta de Hooks (2017), para quem a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que professores e pensadores críticos podem começar a cruzar as fronteiras erguidas por raça, gênero, classe social e outras diferenças. O diálogo, na concepção da autora, é um gesto político de resistência e abertura, capaz de desafiar hierarquias históricas e de promover encontros genuínos entre diferenças. Ao ser incorporado como princípio metodológico, o diálogo se torna o fundamento para a construção de uma pedagogia libertadora e antirracista.

No entanto, compreender a educação como prática da liberdade exige reconhecer os mecanismos que sustentam a desigualdade racial e epistemológica dentro da escola. Bento (2022) contribui para essa reflexão ao analisar o pacto narcísico da branquitude, conceito que descreve o modo como pessoas brancas, de forma consciente ou inconsciente, mantêm privilégios raciais por meio do silenciamento e da omissão diante do racismo. Segundo a autora, a branquitude opera como um sistema de preservação de poder e de exclusão simbólica, naturalizando a centralidade dos referenciais europeus e relegando os saberes negros a uma posição marginal. A análise de Bento aponta para a necessidade de desvelar esses pactos no cotidiano escolar, problematizando quem fala, quem é ouvido e quem permanece invisível nos currículos e nas práticas pedagógicas.

Reconhecer o pacto da branquitude é, portanto, condição para promover uma educação verdadeiramente emancipadora. Quando a escola questiona o lugar de privilégio das narrativas hegemônicas e amplia o repertório de vozes e referências, abre caminho para a construção de um currículo plural e inclusivo. O Raízes Ancestrais se inscreve nesse movimento ao propor uma reconfiguração das práticas educativas, trazendo para o centro as histórias, estéticas e filosofias afro-brasileiras, que tradicionalmente foram silenciadas pelo olhar eurocêntrico.

No livro *Como ser um educador antirracista*, Pinheiro (2023) também desafia os educadores a refletirem sobre o papel do currículo e das representações no ambiente escolar. A autora questiona como está o currículo, qual história negra é contada, como está a representação de pessoas negras nas literaturas utilizadas e onde estão as pessoas negras no corpo profissional escolar. Ao trazer essas provocações, Pinheiro desloca o debate sobre a educação antirracista do campo da intenção para o da ação concreta, mostrando que o combate ao racismo passa pela

revisão das práticas, das escolhas pedagógicas e da própria estrutura institucional da escola.

Em sua análise, a autora afirma que ser um educador antirracista é assumir o compromisso de recontar a história de forma completa, resgatando as contribuições africanas e afro-brasileiras que moldaram o país. Isso implica compreender o currículo não como um conjunto neutro de conteúdos, mas como um território de poder, onde determinadas vozes são legitimadas e outras silenciadas. A proposta do Raízes Ancestrais se alinha a essa visão ao inserir a ancestralidade como eixo de aprendizagem e como fonte de saber, não apenas como tema complementar, mas como princípio estruturante da formação dos sujeitos.

A crítica à hegemonia das narrativas únicas também encontra respaldo nas reflexões de Adichie (2019), que adverte que todas as histórias fazem parte da constituição de um indivíduo, e que insistir apenas nas histórias negativas simplifica a experiência e ignora outras narrativas formadoras. Assim, a autora pontua que a história única cria estereótipos, cujo problema principal não é serem mentira, mas sim incompletos, fazendo com que uma única história se torne a narrativa absoluta. Ao denunciar o perigo das histórias únicas, a Adichie chama atenção para o modo como o colonialismo não apenas oprimiu povos e culturas, mas também colonizou o imaginário, restringindo a multiplicidade de experiências humanas a narrativas fragmentadas e hierarquizadas.

No contexto educacional, essa reflexão evidencia a urgência de repensar as vozes presentes no currículo e nas práticas pedagógicas. O Raízes Ancestrais responde a esse desafio ao integrar diferentes linguagens: arte, literatura, filosofia, história e ciências humanas, em atividades que promovem o diálogo entre ancestralidade e contemporaneidade. As oficinas artísticas e culturais são concebidas como experiências de reconstrução simbólica e afetiva, capazes de despertar o reconhecimento de si e do outro, fortalecer laços de pertencimento e fomentar o pensamento crítico.

A opção metodológica do projeto é qualitativa, fundamentada no relato de experiência. Essa abordagem permite compreender a prática docente como espaço de análise e criação, em que o cotidiano escolar se torna fonte de investigação e transformação. O relato de experiência, nesse contexto, é também instrumento de autoria e de resistência, pois torna visíveis os processos e as aprendizagens que emergem da interação entre professores e estudantes. A dimensão qualitativa da pesquisa revela não apenas os resultados das ações, mas as trajetórias, os afetos e as reflexões que se constituem durante o percurso formativo. A transdisciplinaridade constitui outro eixo metodológico central do projeto.

Ao integrar Arte, História, Literatura, Sociologia e Filosofia, o Raízes Ancestrais rompe com a fragmentação disciplinar típica da escola tradicional e propõe um olhar ampliado sobre o conhecimento. Essa articulação de saberes permite que os estudantes compreendam a cultura afro-brasileira em sua complexidade, reconhecendo a ancestralidade como elemento vivo e constitutivo da experiência humana.

Em síntese, o referencial teórico-metodológico do Raízes Ancestrais articula a pedagogia libertadora de Freire (1967), o diálogo transgressor de Hooks (2017), a crítica ao pacto da branquitude proposta por Bento (2022), a prática antirracista defendida por Pinheiro (2023) e a denúncia da história única formulada por Adichie (2019). Essas perspectivas se entrelaçam para sustentar uma pedagogia decolonial, plural e emancipatória, que entende a escola como espaço de transformação, pertencimento e reparação histórica.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E RESPECTIVA ANÁLISE

A concretização do projeto Raízes Ancestrais constituiu uma experiência formativa

potente tanto para os estudantes quanto para a comunidade escolar. A partir de uma metodologia dialógica e transdisciplinar, o projeto articulou diferentes linguagens, saberes e práticas pedagógicas que culminaram na construção de um espaço educativo antirracista, crítico e afetivo. O percurso do projeto, organizado em etapas complementares, evidenciou não apenas aprendizagens conceituais e procedimentais, mas sobretudo transformações subjetivas, sociais e simbólicas no modo como os estudantes se percebem e se posicionam diante da realidade. A seguir, apresentam-se os resultados e os impactos observados em cada etapa, evidenciando como os debates temáticos, as oficinas artísticas, as produções culturais e a ressignificação do espaço escolar contribuíram para a construção de um currículo plural e para a afirmação da identidade e da memória coletiva dos alunos.

FIGURA 1- AMBIENTAÇÃO DO ESPAÇO



FONTE: As autoras (2025).

A primeira etapa, correspondente aos debates temáticos, foi central para o desenvolvimento do pensamento crítico e do engajamento político dos alunos. Nesses encontros, as discussões ultrapassaram a mera exposição de conteúdos e se constituíram como práticas de leitura de mundo, promovendo a problematização de questões historicamente ausentes no currículo escolar. Os temas selecionados, como o mito da democracia racial, o colorismo, a apropriação cultural, as políticas afirmativas e os movimentos sociais, foram apresentados a partir de textos, músicas e vídeos que despertaram o diálogo entre diferentes vozes e experiências. Os debates foram organizados em formato de podcast, com a intenção de serem publicados no canal da escola, ampliando o alcance das discussões e permitindo que outros estudantes e a comunidade escolar pudessem acompanhar e refletir sobre os temas.

Um dos momentos de maior impacto ocorreu quando os estudantes assistiram e debateram um vídeo da filósofa Djamila Ribeiro sobre colorismo, o que possibilitou a compreensão das hierarquias de tonalidade de pele e de como essas distinções interferem nas oportunidades sociais e nas relações interpessoais. Essa atividade gerou reflexões sobre as próprias vivências dos alunos e contribuiu para a ampliação da empatia e da consciência racial dentro da escola. Além disso, as discussões também foram enriquecidas pela análise da música “Eu não Sou Racista”, de Nego Max, que serviu como ponto de partida para compreender o conceito de pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022) e para problematizar as formas sutis de manutenção do racismo estrutural no Brasil. A partir dessas atividades, os estudantes demonstraram amadurecimento argumentativo e capacidade de articular suas percepções pessoais com referenciais teóricos, o que evidencia a eficácia do eixo dialógico do projeto.

FIGURA 2 – GRAVAÇÃO DO DEBATE



FONTE: As autoras (2025).

Na segunda etapa, correspondente às oficinas artísticas, o aprendizado assumiu uma dimensão sensível e concreta. A Oficina de Adinkra, ainda em andamento, apresenta resultados expressivos ao integrar tecnologia e arte por meio da utilização da impressora a laser na criação dos símbolos de origem africana. Essa experiência tem favorecido o contato dos estudantes com filosofias e saberes tradicionais, historicamente marginalizados pelos currículos eurocentrados. A exploração dos significados dos símbolos, articulada às discussões sobre ancestralidade e pertencimento, tem possibilitado o resgate de laços identitários e a compreensão da África como berço de conhecimento e estética. Tal vivência concretiza o princípio da educação como prática da liberdade, conforme propõe Freire (1967), ao tornar os estudantes sujeitos ativos na construção de suas aprendizagens.

De modo complementar, a Oficina de Bordado em Tela, inspirada nas obras de Rosana Paulino, transformou o fazer artístico em ato político de rememoração e resistência. Assim, o bordado revela-se como prática ancestral de resistência e memória. Ao costurar, os estudantes reatualizam saberes tradicionais e reafirmam a arte têxtil como território de identidade, cura e continuidade cultural.

FIGURA 3 – OFICINA DE PRÁTICAS TÊXTEIS



FONTE: As autoras (2025).

A Oficina de Experimentações Visuais ampliou as linguagens artísticas ao integrar práticas manuais e digitais, promovendo a experimentação estética e o diálogo entre diferentes modos de criação. Os estudantes utilizaram ferramentas tecnológicas e técnicas tradicionais para produzir obras inspiradas em temáticas afro-brasileiras, como no *Afrominuto*, em homenagem à cantora e compositora Leci Brandão, cuja trajetória foi tomada como símbolo de resistência, ancestralidade e representatividade.

Paralelamente, os alunos realizaram trabalhos manuais em suportes variados, como pratos de papelão e materiais reutilizados, representando animais e elementos simbólicos da savana africana. Essa multiplicidade de linguagens e materiais possibilitou a valorização de saberes tradicionais, a consciência ambiental e a ampliação do repertório estético dos participantes.

FIGURA 4 – OFICINA DE EXPERIMENTAÇÕES VISUAIS



FONTE: As autoras (2025).

A terceira etapa, voltada para as produções textuais e audiovisuais, consolidou o protagonismo dos estudantes. As composições de *slam*, *rap* e *hip-hop* criadas pelos alunos, constituíram expressões legítimas de escrivência (Evaristo, 2021). Por meio dessas produções, os alunos tornaram-se autores de suas narrativas, apropriando-se de linguagens contemporâneas para recontar suas histórias e afirmar suas identidades. A escolha da música e do audiovisual como meios de expressão revelou-se eficaz para conectar os saberes escolares com as vivências cotidianas dos estudantes, transformando o currículo em espaço de representatividade e crítica social.

FIGURA 4 – APRESENTAÇÃO DO SLAM



FONTE: As autoras (2025).

A quarta etapa, ainda em desenvolvimento, refere-se à exposição e à ressignificação do espaço escolar como ambiente de aprendizagem culturalmente inclusivo. Os estudantes encontram-se na fase inicial da produção dos carimbos Adinkra, fundamentando-se no dicionário de símbolos para garantir fidelidade conceitual e estética. A exposição final, que reunirá a totalidade das produções artísticas e culturais desenvolvidas ao longo do projeto, será realizada após a conclusão de todas as atividades, oferecendo uma visão integrada do processo. Ao transformar o ambiente escolar, tradicionalmente pautado pela hegemonia de referências eurocêntricas, a etapa contribui para consolidar a instituição como espaço de múltiplas vozes e estéticas, evidenciando que o espaço educativo não apenas comunica conteúdos, mas também desempenha função de inclusão, valorização das identidades e promoção do pertencimento social.

Durante todo o processo, emergiram desafios significativos. A resistência inicial de alguns estudantes em reconhecer o racismo estrutural demonstrou a força do pacto da branquitude e a necessidade de uma mediação pedagógica sensível e fundamentada. Em determinados momentos, a complexidade dos conceitos abordados exigiu retomadas, leituras mediadas e dinâmicas que favorecessem a compreensão gradual. Essas dificuldades, longe de deslegitimar o projeto, evidenciaram o quanto o enfrentamento das desigualdades raciais requer persistência, diálogo e continuidade nas práticas escolares.

Os impactos observados foram múltiplos. Houve fortalecimento da autoestima e do autorreconhecimento entre os alunos negros, que passaram a enxergar-se como parte da história e da cultura. Ver-se representado por figuras como Conceição Evaristo, Leci Brandão, Racionais MC's e Rosana Paulino foi decisivo para que esses estudantes reconhecessem o valor de suas trajetórias e experiências. Para os estudantes não negros, o projeto também foi significativo, promovendo a quebra de estereótipos acerca da cultura e da história afro-brasileira e ampliando a compreensão sobre diversidade, racismo estrutural e valorização das vozes historicamente silenciadas. Além disso, o projeto estimulou habilidades socioemocionais e argumentativas, como a escuta ativa, o respeito ao turno de fala e a elaboração de argumentos fundamentados, consolidando práticas de cidadania e convivência democrática.

A análise geral dos resultados indica que a proposta não se limitou a um projeto escolar pontual, mas instaurou um movimento de reconfiguração curricular e pedagógica. Nesse contexto, materializou-se a proposta freireana de educação como prática da liberdade (Freire, 1967) e integrou o diálogo transgressor defendido por Hooks (2017), ao promover o encontro entre crítica social e afetividade. Os produtos finais, dos símbolos Adinkra aos raps autorais, não são meros resultados avaliativos, mas expressões de um processo de conscientização e resistência.

Em síntese, o projeto Raízes Ancestrais evidencia que a escola, quando comprometida com a pluralidade de vozes, saberes e práticas culturais, transcende sua função tradicional de transmissão de conteúdos, configurando-se como um espaço de reparação histórica, afirmação identitária e libertação social. Através da articulação entre arte, história, e sociologia, o projeto promoveu não apenas a aprendizagem conceitual, mas também a construção de subjetividades críticas, possibilitando que os estudantes reconhecessem e valorizassem suas próprias trajetórias e as narrativas coletivas historicamente silenciadas. Ao integrar debates, oficinas artísticas, produções musicais e audiovisuais, o projeto criou condições para que os alunos experimentassem processos de escrevivência, compreendendo a escrita, a criação artística e a expressão cultural como instrumentos de resistência e afirmação identitária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto “Raízes Ancestrais: Identidade, Memória e Resistência” evidenciou a importância e a necessidade de repensar o currículo escolar, colocando em seu centro a descolonização dos saberes e a valorização da ancestralidade afro-brasileira como eixo formativo. Os resultados indicam que a combinação entre uma fundamentação teórica crítica e práticas pedagógicas intencionais é um caminho promissor para superar o eurocentrismo e implementar de forma efetiva as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena.

A análise do percurso desenvolvido mostra que a transdisciplinaridade foi essencial para romper com a fragmentação tradicional do conhecimento escolar e favorecer uma compreensão ampla da cultura e da história africana e afro-brasileira. A articulação entre debates críticos, produções artísticas, podcasts e produções autorais criou um espaço educativo em que o conhecimento se construiu de forma dialógica, problematizadora e conectado às experiências de vida dos estudantes, estimulando a reflexão crítica, a empatia e o protagonismo dos estudantes.

Os resultados também evidenciam que o projeto contribuiu significativamente para o fortalecimento das identidades negras e para a valorização das trajetórias e narrativas historicamente invisibilizadas. Para os estudantes não negros, as atividades foram igualmente relevantes, promovendo a quebra de estereótipos e ampliando a compreensão sobre racismo estrutural, pigmentocracia e apropriação cultural. A apropriação de referenciais teóricos, como os de Bento (2022), Hooks (2017) e Pinheiro (2023), mostrou que a educação pode ir além da transmissão de informações e atuar na construção de consciência crítica e posicionamento ético-político dos alunos.

Outrossim, o projeto trouxe contribuições importantes para a escola como um todo, ao transformar o espaço físico e simbólico da instituição. Corredores, salas e exposições passaram a comunicar diversidade e pluralidade cultural, reforçando a escola como território de pertencimento, representação e inclusão. A integração de linguagens artísticas, musicais e audiovisuais mostrou-se eficaz para consolidar aprendizagens afetivas, cognitivas e socioemocionais, demonstrando que práticas pedagógicas antirracistas podem produzir impactos duradouros na vida dos estudantes e na cultura escolar.

Conclui-se, portanto, que iniciativas como esta vão além de ações pontuais, configurando-se como experiências estruturantes capazes de reorientar a cultura escolar. O projeto não apenas valorizou a ancestralidade afro-brasileira, mas também evidenciou a escola como espaço de disputa simbólica, reconhecimento de vozes historicamente silenciadas e reparação histórico-cultural. A sustentação e ampliação dessas práticas ao longo do tempo representam o próximo desafio, exigindo compromisso institucional, continuidade pedagógica e valorização de metodologias que consolidem os avanços observados, garantindo transformações efetivas no currículo e nas relações escolares.

5. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

PINHEIRO, Bárbara Carine. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Nova Fronteira, 2023.